

## Os regimes semióticos da comunicação *bios* midiática

Laura Fernanda CIMINO<sup>1</sup>  
Santiago Naliato GARCIA<sup>2</sup>

### Resumo

O objeto desse artigo é do investigar, teoricamente, a expansão das formas de tecnointeração potencializadas pela comunicação *bios* midiática (metáfora conceitual empregada por Muniz Sodré para designar os novos fluxos de informação em tempo real e espaço contínuo) e que parecem estar reconfigurando os tradicionais ambientes comunicativos por meio de outro diagrama do comunicar. As semioses comunicativas produzidas virtualmente parecem representar novos modelos de interação onde os interagentes podem testar e, conseqüentemente, compartilhar suas experiências de forma mútua e cooperativa. Nossa hipótese é a de que a auto-referencialidade do meio deve interferir na produção e na distribuição das mensagens projetando, dessa forma, uma espécie de cartografia ecológica entre cultura e meio.

**Palavras-chave:** Comunicação. Meios digitais. Semiose. Cultura.

### Abstract

The goal of this study is to investigate, theoretically, the expansion of techno-interaction forms potentiated by *bios* mediatic communication (conceptual metaphor used by Muniz Sodré to designate the new flows of information in real time and continuous space) that appears to be reconfiguring the traditional communicative environments via another communication diagram. The communicative semiosis, virtually produced, seems to represent new models of interactions where the interactors can test and, therefore, share their experiences in a mutual and cooperative way. Our hypothesis is that self-referentiality of the medium should interfere in the production and distribution of messages, designing a kind of ecological mapping between culture and environment.

**Keywords:** Communication. Digital media. Semiosis culture.

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da UFRN. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Membro do Grupo ESPACC (Espaço Visualidade Comunicação e Cultura). Bolsista do Plano Nacional de Pós Doutorado, PNPd/CAPES. E-mail: fernandacimino2009@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Produção de Sentido na Comunicação Midiática pela FAAC-UNESP. Professor do Centro Universitário de Votuporanga-SP – UNIFEV. Email: santiagarcia@gmail.com

## Introdução

A expansão das formas de tecnointeração potencializadas pela comunicação *bios* midiática<sup>3</sup> parece estar reconfigurando os tradicionais ambientes comunicativos por meio da revisão de algumas categorias terminológicas que são usadas para designar os fluxos informacionais entre os pólos de emissão e recepção das mensagens midiáticas. A instantaneidade dos intercâmbios digitalizados nos coloca diante da necessidade de se repensar determinadas noções que, comumente, são utilizadas indiscriminadamente nas pesquisas de comunicação comprometendo, desse modo, a argumentação e o debate em torno do objeto estudado.

Tais noções referem-se aos conceitos de *mediação* que se desdobram de acordo com o nível de complexificação das relações comunicativas. É a avaliação da capacidade interacional que emerge dos modelos comunicativos construídos, teórico e metodologicamente, que torna possível a interpretação dos paradigmas que deram sustentação às diversas abordagens da comunicação desde os modelos lineares até a complexidade da rede *bios* midiática. Partimos da hipótese de que a capacidade comunicativa de um meio está diretamente relacionada ao modo como os sistemas operativos (códigos) são organizados dentro dos diferentes complexos comunicativos (linguagens).

O *bios* midiático deve expandir as formas de intercâmbio entre as mensagens, pois se trata de interfaces informativas que, não se reduzem aos modelos transmissionistas “*um-todos*” e que caracterizam os meios massivos, apoiados na lógica da eficiência quantitativa por meio do mero transporte de informação entre os pólos de emissão e recepção do sistema comunicativo. Ao contrário, as interfaces em rede “*um-um*” ou “*todos-todos*” promovem a circularidade dos fluxos, própria dos sistemas abertos.

Nesse sentido, a comunicação *bios* midiática extrapola a linearidade dos processos apoiados na contigüidade. As semioses comunicativas produzidas virtualmente poderiam representar novos modelos de interação nos quais é permitido

---

3 Metáfora conceitual empregada por Sodré (2002) para designar as novas formas interação potencializadas pela rede comunicativa que acontece em tempo real e fluxo contínuo no ciberespaço.

aos interagentes testar e, conseqüentemente, compartilhar suas experiências de forma mutua e cooperativa.

Ao lado do comunicar, a cultura se coloca como outro pólo que resgata o meio através do qual se assinala à produção, a consecução de um artefato e sua troca. Este meio constitui manifestação material do desenvolvimento humano e do alcance de um modo específico de vida. Desse modo, o reconhecimento da natureza de um meio ao mesmo tempo em que empresta à sua comunicação, território físico, político e social (FERRARA, 2008, p. 11).

Em conseqüência, estaríamos diante de um outro diagrama do comunicar capaz de projetar uma cartografia ecológica entre a cultura e o meio através dos novos ambientes tecnointerativos, onde o homem se move e promove a cultura simulativa.

## **Por que estudar as mediações?**

Mediação é um daqueles termos que passou a identificar diversas manifestações comunicativas sem que se tivesse clareza de sua acepção conceitual. Em decorrência disso, ao invés do esclarecimento sobre os seus possíveis empregos, esta polissemia acabou revelando a sua vagueza terminológica. Tal fragilidade conceitual acaba transformando as pesquisas em comunicação num imbricado campo cognitivo, e isto exige do pesquisador uma enorme precisão analítica acompanhada de um redobrado esforço interpretativo.

O termo mediação tem sido empregado para designar um amplo número de práticas comunicativas que se estendem desde a mera descrição dos dispositivos tecnológicos até a configuração de novos ambientes tecnointerativos próprio da expansão dos fluxos semióticos e comunicativos. Tal elasticidade conceitual revela a ambigüidade deste campo científico que, ao recortar seu objeto, demonstra a fragilidade de suas bases ontológicas e pragmática.

Para que a comunicação se produza como área de conhecimento, é imprescindível construir aparatos e estratégias metodológicas eficientes na circunscrição de limites capazes de controlar sua mobilidade que se faz tão intensa, quanto mais àqueles processos

de alteridade são atingidos, por choques sociais e globais, ou de contextos e ambientes produzidos por mudanças tecnológicos que impõem outros padrões de vida e outros cotidianos (FERRARA, 2008, p. 8).

Portanto, mediação é uma questão relevante, e sua adequação conceitual justifica-se na medida em que não é possível estudar os diferentes contextos de comunicação por meio de uma mesma designação (*mediações*) para todas as formas estratégicas do agir comunicacional. É necessário, portanto, a construção de determinadas categorias epistemológicas que vão discutir naturezas distintas daquilo que se entende por comunicação.

Os distintos níveis *mediativos* dizem respeito a processos comunicativos distintos marcados por objetos e procedimentos metodológicos completamente diferentes. Tomamos como paradigma epistêmico que as práticas comunicativas *mediativas* são necessariamente *vinculativas*, já que produzem um movimento de desestabilização das hierarquias, dos códigos, dos princípios, dos fundamentos de todo e qualquer ato de comunicação. Este desequilíbrio, ao invés de desordem ou anarquia, deve ser interpretado como uma espécie de “espaço de criação” que potencializa a emergência do “novo” daquilo que oferece sentido às coisas do mundo vivido.

É neste sentido que procuramos interpretar as semioses comunicativas, ou seja, de acordo com sua capacidade de agenciamento de novas representações ou traduções. Portanto, a capacidade de mediação está relacionada àquele espaço intervalar que é fruto dos fluxos informativos (semioses), onde os processos interpretativos são possíveis de acontecer.

## **Mediação é uma questão semiótica?**

Uma relação surge dessa panorama: comunicação e semiótica, e estabelecem-se espaços para articulações. Machado (2003) sugere:

O campo das mediações definido como espaço intervalar exige o amadurecimento de algumas questões, particularmente a que nos interessa mais de perto: a relação entre comunicação e semiótica. Estamos longe de apresentar uma conclusão sobre o

tema, mas é possível fechar essa fase preliminar do pensamento para que ele possa ser discutido e avaliado em suas implicações (MACHADO, 2003, p. 22).

A ciência da comunicação pode ser tomada como um fenômeno semiótico na medida em que têm como objeto de estudo os processos de mediação que são a instância fundamental de qualquer processamento de transmissão de informação num determinado sistema de linguagem. Comunicar, nessa medida, diz respeito a um duplo movimento: é uma ação que produz determinado sentido, ao mesmo tempo em que é resultado de um determinado encadeamento sógnico. De acordo com Irene Machado (2003), a linguagem é a potencialidade de base tanto organizadora da comunicação quanto criadora da rede semiótica.

Por outro lado, os processos comunicativos ao produzirem linguagens e signos extrapolam os sistemas verbais. Ou seja, a comunicação não se limita ao estudo das formas vinculativas proporcionadas apenas pela língua ou pelo *medium*<sup>4</sup>, ao contrário: procura-se compreender todos os processos relacionais ou de troca de informação entre sistemas de diversas naturezas. A comunicação se apresenta como uma espécie de diagrama das formas vinculativas entre cultura e natureza, tratados enquanto domínios inseparáveis e que, servem de expressão aos diferentes sistemas simbólicos que são construídos cognitivamente.

Assim, todo processo mediativo está intimamente relacionado à linguagem enquanto capacidade de produzir informações codificáveis, decodificáveis e recodificáveis, segundo os hábitos entre emissores e receptores num contexto comunicativo. Nesta perspectiva, deve-se levar em conta “o poder originário de discriminar, de fazer distinções, portanto, de um lugar simbólico, fundador de todo conhecimento” (SODRÉ, 2002). Ao mesmo tempo, devemos nos lembrar que toda relação interpretativa implica numa operação semiótica. Ou seja, toda mensagem revela sua condição sógnica ao pôr em linguagem a informação, agenciando a representação e, conseqüentemente, sua interpretação.

---

<sup>4</sup> Para Muniz Sodré o *medium* diz respeito ao fluxo comunicacional, acoplado a um dispositivo técnico socialmente produzido pelo mercado capitalista, em tal extensão que o código produtivo torna-se ambiência existencial (SODRÉ, 2002).

Todo signo é mediação ou representação de outro signo, mais ou menos evoluído (aprimorado) do que o primeiro dentro de uma cadeia infinita que corresponde ao processo de todo e qualquer conhecimento. Tal concepção decorre do pragmatismo de Charles S. Peirce, em que tudo é signo e nada é fixo. Desse modo, não podemos falar de linguagem sem signos, já que ela é responsável pela mediação entre os homens, entre o homem e o seu meio ambiente, entre o homem e a sua própria mente. Em todas essas relações interpõem-se o signo. Ou seja, não há qualquer atividade da consciência que não seja mediada pelo signo.

Desse modo, todo pensamento passa a ser compreendido como *semiose*<sup>5</sup> como relação que tem por finalidade a elaboração e interpretação de signos lingüísticos ou não, simbólicos ou não. Para C. S. Peirce a noção de *mediação* explicita-se na idéia de que entre aquele que percebe e o objeto que é percebido; interpõe-se a camada de conhecimento ou reconhecimento produzida pelo signo.

Um signo ou *representamen* é algo que, sob certo aspecto ou medida, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou um signo melhor desenvolvido. Ao signo assim criado denomina-se interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa o seu objeto, coloca-se no lugar desse objeto, não sob todos os aspectos, mas como referencia a um tipo de idéia que por sua vez tem-se denominado de fundamento do *representamen* (CP 2.228 *apud* NOTH, 1995, p. 67).

Na abordagem de Peirce, *mediação* é sinônimo de *semiose*, ou seja, de transformação aprimorada<sup>6</sup> de um signo em outro e que resulta na comunicação. Comunicação, desse modo, é um processo estratificado de diferentes interações sígnicas e que pode ser representado pelo *Umwelt*<sup>7</sup> (*apud* VIEIRA, 2007) ou ainda, pelos processos de troca ou intercâmbio entre sistemas de diferentes naturezas. É neste

---

5 Semiose é a ação do signo que envolve a cooperação entre três elementos: o signo, o seu objeto e o interpretante. Estas são entidades interdependentes, mas não submissas entre si. Os três elementos são irreduzíveis um ao outro porque designam instancias de um processo que compreende os três elementos simultaneamente.

6 A perspectiva do aprimoramento contínuo da semiose é um preceito do pragmatismo de Peirce, segundo o qual, a semiose é um processo “auto-gerativo” que se inscreve dentro de uma cadeia evolutiva.

7 *Umwelt* é um conceito criado por Uexkull (1992) para definir o “mundo entorno, mundo à volta, mundo particular” e designar como interagimos com o ambiente (*apud* VIEIRA, 2007).

sentido que o caráter dialógico da semiose vai lhe conferir propriedades essencialmente comunicativas. A comunicabilidade somente é possível quando algo é transferido de um lugar para outro, entre os *Umwelts* dos sujeitos (humanos ou não) que estão envolvidos no diálogo e que se traduz na mudança de comportamento dos interlocutores durante o ato comunicativo. É diante de tal movimento que podemos retomar a noção de comunicação enquanto uma espécie de “acontecimento comunicativo”.

Portanto, é na abertura do sujeito (signo) em direção ao *Outro* (objeto) a partir de uma superfície em comum (comunhão, comungar, tornar comum) que possibilita a troca de experiências (segundidade sígnica) entre eles (interlocutores) e que se traduz na relativização de certas crenças e na produção de novos conhecimentos (terceiridade da generalização) que entendemos a dimensão ontológica e pragmática da comunicação.

Um signo separado de seus interpretantes futuros é um signo ao qual é negada a possibilidade de realizar a sua essência, isto é, a possibilidade de ser um signo. Tal signo é a negação da semiose, pois é impossível que ele realize a sua essência. Sua descrição mais rigorosa faz-se em termos negativos, assim como a descrição mais adequada da cegueira faz-se em termos privativos. Desse modo, se o *self* for um signo e se for separado de seus desenvolvimentos futuros, lhe será negada a possibilidade de atualizar a sua essência; sendo desse modo, o *self* a negação do *selfhood* (COLAPIETRO *apud* SILVEIRA, 2001, p. 203).

Ao mesmo tempo, todo “acontecimento comunicativo” é sempre uma possibilidade, pois é da natureza da semiose comunicativa uma dimensão de acaso que, costumeiramente, é identificada com a imprevisibilidade ou a indeterminação do objeto de estudo da ciência da comunicação. Neste sentido, retomamos Lucrecia D’Aléssio Ferrara:

O objeto da comunicação não seria indeterminado porque simples possibilidade de ocorrência, mas indeterminado porque não se deixa balizar por constantes ou por variações controladas do seu movimento. A indeterminação se caracterizaria na dinâmica da experiência da troca e do intercâmbio e na alteridade dos elementos antagônicos essenciais a eles, portanto, a indeterminação suporia mais a mobilidade do realmente

existente do que uma ontológica possibilidade de existência (FERRARA, 2008, p. 7).

Este parece ser o caráter dialógico da semiose comunicativa já que estamos diante de uma relação de alteridade entre o eu e o outro ou ainda, entre o eu e o próprio eu. Desse modo, todo encontro transforma-se numa mera possibilidade mais do que probabilidade, já que se trata de processos de conhecimento (autoconhecimento) que fundamentam o reconhecimento. Todavia os processos de conhecimento/reconhecimento são a tradução de uma espécie de diálogo cognitivo próprio do “*plurilinguismo*”<sup>8</sup>, ou seja, daquilo que busca as similaridades na multiplicidade e não a partir das próprias semelhanças. Reconhecer é operacionalizar, portanto, a partir da diferença. Assim, o Outro não se reduz a mera extensão da minha própria imagem ou daquilo que eu imagino ser, mas diz respeito a outro domínio cognitivo.

O reconhecimento por uma pessoa de outra tem lugar por meios de algum modo idênticos àqueles pelos quais ela é consciente de sua própria personalidade. A ideia da segunda personalidade, que seria a bem dizer uma segunda personalidade, entra no interior do campo da consciência direta da primeira pessoa e é imediatamente percebida por seu ego, embora menos fortemente. Ao mesmo tempo, a oposição entre duas pessoas é percebida na medida em que se reconhece a externalidade da segunda (PEIRCE *apud* SILVEIRA, 2001, p. 80).

Tal fato nos remete à idéia de que “unidade e alteridade compõem de fato, o processo interpretativo de qualquer semiose, mesmo daquela pertinente à autoconsciência” (PEIRCE *apud* SILVEIRA, 2001, p. 81). Portanto, a inseparabilidade do signo e de seus interpretantes implica que toda semiose se elabora em rede e que, conseqüentemente, se constitua num sistema aberto. Se a semiose se perfizesse na mera relação diádica entre significante e significado, sua tendência seria a de assumir uma forma fechada caracterizada pela recursividade de seus elementos. “A simplificação que

---

8 Para M. Bakhtin os agenciamentos de enunciação são animados por forças políticas e sociais que visam ora a polifonia e a criação de novas possibilidades semânticas que é o plurilinguismo; ou ainda visam a uniformização, a centralização e a homogeneização das multiplicidades semióticas também denominada de monolinguismo (LAZZARATO, 2006, p.157).



decorreria nesse último caso para se estabelecer as condições de significação do signo seria óbvia” (idem).

É neste aspecto que compreendemos que uma abordagem *diádica* (lingüística), *binária* (teoria da informação), *automática* (cibernética) não nos parece ser suficiente para interpretar a circularidade ou o caráter dialógico das semioses comunicativas próprias à comunicação *bios* midiática. Por outro lado, pensar o ato de comunicar é realizar uma operação semiósica em que o caráter geral e indeterminado do signo é elemento constituinte das propriedades lógicas de qualquer processo de aprendizagem. São as propriedades do vago e do geral que conferem a noção de indeterminação às semioses comunicativas, daí que:

O geral é a série indefinida dos interpretantes (C.P.339), a idéia de que o conhecimento é sempre aberto. Com certeza, no sentido de que ele decorre do potencial, da qualidade, em suma da primeira categoria, o geral é uma espécie negativa, mas na medida em que ele pertence à necessidade condicional, à lei, à terceiridade, ele é dessa espécie positiva que, com a infinidade, a continuidade, o crescimento e a inteligência (C.P.340) fazem parte das idéias de terceira categoria as quais a filosofia e as ciências devem prestar mais atenção (TIERCELIN *apud* SILVEIRA, 2001, p. 81).

É importante ressaltar que as propriedades tanto do vago e do geral referem-se às representações signicas da primeiridade e terceiridade, respectivamente, de tal modo que:

Para a primeiridade, o objeto seria desenhado pela própria qualidade de representação e ele seria inerente, imediato e interno a ela, visto que, embora real, seria simples possibilidade de uma ocorrência; para a secundidade, ao contrario, o objeto teria determinações e limites igualmente reais, mas definitivamente existentes e resistentes e se proporia como desafio a exigir reação pronta e única a esboçar o caminho da aprendizagem e do comportamento que, como outros objetos, constituiriam elementos genuinamente representativos, simbólicos, de natureza geral, universal, científica e metafísica (FERRARA, 2008, p. 7).

## Considerações finais

A partir da argumentação supra estruturada reconhece-se que a semiótica comunicativa derivada da comunicação *bios* midiática refere-se aos processos construídos em rede e que são características dos sistemas abertos e em constante evolução. Portanto, o comunicar muito mais do que a comunicação implica numa operação de risco, porque meramente possível e incerta. Estamos diante de processos semióticos frágeis que se dão no nível invisível e que devem ser superados pelos interlocutores no ato do processo comunicativo.

Para a efetivação da comunicação, o indefinido, contudo, deve ser superado e para que isso aconteça é necessário se levar em conta o contexto em que a comunicação esta ocorrendo, pois, de acordo com Peirce (*apud* SILVEIRA, 2001) a comunicação se faz no interior de uma comunidade e a ela devem ser comuns um universo de discurso e um domínio da experiência. Aqui, a idéia de contexto passa a ser fundamental ao processo interpretativo da mensagem. O contexto funciona como um signo indicial que aponta para uma espécie de atualização da situação comunicativa no seu processo interpretativo. Tal exercício executa o índice em um contexto no qual ele chama a atenção e exerce uma compulsão sobre aquele que o recebe, designando um mundo real e não um mundo fictício (Tiercelin *apud* Silveira, 2001, p. 3) durante todo o processo comunicacional; referindo-se às produções virtuais, mesmo estas estabelecem tal processo e estimulam novos interagentes e modelos no compartilhamento em “um-um” e “todos-todos”, resultando em modelos possíveis no processo comunicacional.

## Referências

- FERRARA, L. D. **Comunicação espaço cultura**. São Paulo: Annablume, 2008.
- LAZZARATO, M. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MACHADO, I. **Escola de Semiótica: a experiência de Tartu-Moscou para o estudo da cultura**. São Paulo: Cotia: Ateliê Editorial, 2003.
- NOTH, W. **Panorama da Semiótica: de Platão à Peirce**. São Paulo: Annablume, 1995.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

\_\_\_\_\_. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

SILVEIRA, L. F. B. **Curso de Semiótica Geral**. São Paulo: Guartier Latin, 2007

\_\_\_\_\_. Semiose: diálogos e linguagem. **Revista Galáxia**, no.1. São Paulo: EDUC, 2001.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

VIEIRA, J. A. **Teoria da comunicação e arte**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.